

**FACER – FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA  
CURSO - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

**JULIANA ALVES DOS REIS**

**EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA – EXPERIÊNCIA EM  
RUBIATABA**

**RUBIATABA-GO.**

**2009**

FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE RUBIATABA

CURSO - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS



**JULIANA ALVES DOS REIS**

## **EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA – EXPERIÊNCIA EM RUBIATABA**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Administração sob a orientação do Profº Marcos de Moraes Sousa.

5-41345

Tombo nº	19381
Classif.:	65.8.11.
Ex.:	1
	Juliana Reis
	2009
Origem:	d
Data:	07.10.13

**RUBIATABA-GOIAS**

**2009**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Reis, Juliana Alves.

Educação Cooperativista – Experiência Em Rubiataba./  
Juliana Alves Dos Reis – Rubiataba – GO:FACER, 2009.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Marcos Moraes

Monografia (Graduação em Administração)

Bibliografia.

1. História do Cooperativismo 2. Programa Cooperjovem 3.  
Cooperativismo nas Escolas I. Reis, Juliana Alves. . II.  
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba. II Título

**CDU -**

Elaborado pela bibliotecária Célia Romano do Amaral Mariano – CRB –1/1528.

**JULIANA ALVES DOS REIS**

**EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA – EXPERIÊNCIA EM  
RUBIATABA**

**COMISSÃO JULGADORA  
MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE GRADUAÇÃO PELA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE TUBIATABA**

Orientador \_\_\_\_\_  
Titulação/Instituição

1º Examinador \_\_\_\_\_  
Titulação/Instituição

2º Examinador Enoc Barros da Silva  
Especialista em Administração  
Titulação/Instituição

Rubiataba, maio de 2009.

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a Deus, a minha família, ao meu noivo e a todos os que me acompanharam nesta longa caminhada.*

## **AGRADECIMENTO**

*Agradeço a Deus e ao meu professor orientador  
pela compreensão e dedicação sem medidas.*

*A profissionalização da gestão cooperativista, a intercooperação, a responsabilidade social e a educação, que é a base de todo o processo, são condições importantes para a construção do futuro.*  
*(Marco Aurélio Fuchida, chefe de gabinete da Presidência da OCB)*

**RESUMO:** A presente pesquisa objetiva analisar a implantação e as ações do projeto pedagógico cooperativista no Ensino Fundamental em Rubiataba. Descrever a implantação da educação cooperativista em Rubiataba, abrangendo aspectos do ensino coerente com a realidade das crianças e conseqüentemente da comunidade; Avaliar as ações do cooperativismo nas escolas e sugerir ações de melhoramento para o projeto cooperativista em andamento e ainda abordar os caminhos do cooperativismo em Rubiataba nos aspectos legais e educacionais. Discorre ainda sobre a Lei Estadual nº. 15.109/2005 e a Lei Municipal nº. 1.95/2005 que trata da aplicação efetiva dos fundamentos do Cooperativismo. Relata a historicidade e a importância da educação cooperativista como um todo e em especial no município de Rubiataba, relatando todo o processo de implantação do Programa Cooperjovem – Cooperativismo nas Escolas, ocorrido em 2007 nas escolas estaduais, municipais e particulares de Rubiataba bem como os resultados obtidos a partir da sua implantação. O trabalho foi construído sob a ótica da metodologia de pesquisa qualitativa, com observação participante para o estudo do caso do Programa Cooperjovem e utilizaram-se as ações de entrevistas, estudo documental para a coleta e análise final dos dados. Podemos concluir neste estudo que o grupo que compõe o Cooperjovem, está muito satisfeito com os resultados do Programa Cooperjovem, e mais ainda, com o comprometimento dos coordenadores e professores que estão à frente do processo.

**Palavras-chave:** Cooperativismo, Programa Cooperjovem, Educação Cooperativista.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 Problemática .....	12
1.1 Objetivos.....	
<b>Erro! Indicador não definido.</b>	
1.1.1 Objetivo geral.....	12
1.1.2 Objetivos Específicos.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 Cooperativismo.....	13
2.2 Aspectos Históricos.....	
<b>Erro! Indicador não definido.</b>	
2.2.1 Registros Históricos Gerais.....	
<b>Erro! Indicador não definido.</b>	
2.2.2 O Cooperativismo no Brasil.....	16
2.2.3 O Cooperativismo em Goiás.....	17
2.2.4 As fases do Cooperativismo.....	19
2.2.5 O Cooperativismo em Rubiataba.....	22
2.3 Educação Cooperativista.....	25
3 PROGRAMA COOPERJOVEM: COOPERATIVISMO NAS ESCOLAS.....	30
3.1 Origem.....	30
3.1.1 Fundamentos.....	30
3.1.2 Modelo diferenciado.....	30
3.1.3 Intercâmbio.....	32
3.1.4 Prêmio Nacional .....	32
4 Metodologia.....	38

4.1 Tipo de pesquisa e a abordagem da pesquisa.....	38
4.2 Coleta e dados.....	39
Resultados.....	41
5.1 Implantação do Programa.....	40
5.2 Avaliação das ações.....	41
5.3 Propostas de ações de melhoria.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS LIOGRÁFICAS.....	46
APÊNDICES.....	50

## I INTRODUÇÃO

Acredita-se que a educação cooperativista em Rubiataba e conseqüentemente a implantação do Programa Cooperjovem nas escolas tem suas origens na Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, criada pela Cooperativa de Ensino Superior (CESUR), que até então visava democratizar o ensino superior no município de Rubiataba. Foi a partir deste contexto que surgiram as primeiras idéias de trabalhar nas escolas os ideais e os fundamentos do Cooperativismo.

Com o objetivo, portanto, de identificar na organização cooperativa de ensino superior, possibilidades de democratização deste nível de ensino, mediante a inclusão de alunos excluídos por razões sócio-econômicas, [...] na Cooperativa de Ensino Superior de Rubiataba, sua estrutura e implantação enquanto cooperativa, a criação, o funcionamento e o desenvolvimento da faculdade instituída – a FACER e ainda seu significado social e cultural para a região e a contribuição sócio-econômica prestada aos alunos que a buscaram [...] (ANDRADE, 2005, p. 71).

Entende-se que a educação e o cooperativismo são práticas sociais. Ambas são frutos da cultura, da sociabilidade e do relacionamento humano. Seu surgimento é decorrente de necessidades que os seres humanos desenvolveram ao longo da história, dos desafios que mulheres e homens encontraram para resolver problemas da sua vida. O início da aprendizagem decorre do ato cooperativo inicial em que, diante de problemas concretos, os seres humanos construíram coletivamente suas soluções. Nesta perspectiva, a aprendizagem é um processo cooperativo e a cooperação se torna um permanente processo de aprendizagem: a práxis da convivência humana.

Neste estudo, se faz uma discussão relacionada à compreensão da cultura, da legislação e a educação cooperativista no Brasil, Goiás e em Rubiataba-Go., bem como o processo de implantação do Cooperativismo nas unidades escolares de Rubiataba e seus reflexos na comunidade escolar e local.

Para a realização deste trabalho, procurou-se contextualizar e compreender o movimento cooperativo no cenário mundial, nacional e local, trazendo como referência estudos, fatos, experiências que mostram o cooperativismo e sua participação no desenvolvimento sócio-econômico e cultural das pessoas, numa construção alternativa em busca de melhor qualidade de vida coletiva.

Portanto, este trabalho é fruto de pesquisas e estudos realizados visando levantar dados quanto à importância da educação cooperativista no sentido de detectar sua(s) contribuição(s) ou não, sua formação humana e como cooperador à sua atividade profissional. Busca-se também colher informações e opiniões a respeito do papel desempenhado pelo Cooperjovem e, na medida do possível, procura oferecer subsídios para uma melhor fundamentação às unidades escolares envolvidas, e os que dela fazem parte.

Através deste trabalho buscamos aprofundar nossos conhecimentos sobre a história, a cultura, a legislação e a educação cooperativista, em especial a sobre a influência que esta exerce sobre a aprendizagem dos alunos na escola, haja vista que sou parceira do Projeto Cooperjovem e tenho ao longo de todo o processo de implantação e realização das atividades cooperativistas nas escolas participando juntamente com os alunos.

Reiterando as palavras de Borba (2007),

Com este trabalho pretendemos colaborar na construção de uma sociedade mais justa, humana, igualitária, solidária e democrática. Colaborar na preservação da história de nosso povo e de nossa terra, preparar as novas gerações para que possam viver melhor em sociedade, buscando mecanismos que as encaminhe a um posicionamento menos egocêntrico, da ganância desmedida e da luta desenfreada pelo poderio econômico, defendendo a cultura cooperativista, que acreditamos ser um excelente caminho em busca da democracia e da paz (BORBA, 2007, p. 13).

Apresentamos no 1º capítulo a historicidade do Cooperativismo no Brasil, Goiás e Rubiataba e no 2º capítulo apresentamos o Programa Cooperjovem e a Educação Cooperativista em Rubiataba, seus fundamentos legais, históricos, metodologia, atualidades e resultados obtidos com a educação cooperativista.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e ainda pesquisa de campo realizada com professores, coordenadores das escolas e do programa em Rubiataba, alunos e outros, por meio de entrevistas.

Na realização do presente estudo utilizamos a literatura de vários autores, dentre eles: ANDRADE (2005), PINHO (2004), GAWLAK(2005), BORBA (2007).

Deste modo pretendemos apresentar uma visão histórica do Cooperativismo em especial no que concerne a Educação Cooperativista. Que este trabalho possa servir de referência a outras pessoas que se interessem pelo assunto, seja para pesquisa ou apenas para leitura. O intuito da nossa pesquisa não é a de tratar aqui de verdades absolutas, e sim de colaborar com nossas idéias e fatos aqui registrados para que todos os que se interessem sobre o assunto possam ter subsídios de estudo e ampliação dos conhecimentos.

# **1 Problemática**

Quais os resultados que a experiência do Programa CooperJovem proporcionou para Rubiataba e cidades atendidas?

## **1.1.OBJETIVOS**

### **1.1.1 Objetivo geral**

Analisar a implantação e as ações do projeto pedagógico cooperativista no Ensino Fundamental em Rubiataba.

### **1.1.2 Objetivos Específicos:**

- Discorrer sobre a historicidade do Cooperativismo no Brasil, em Goiás e em Rubiataba-Go.
- Descrever a implantação da educação cooperativista em Rubiataba, abrangendo aspectos do ensino coerente com a realidade das crianças e conseqüentemente da comunidade;
- Avaliar as ações do cooperativismo nas escolas;
- Sugerir ações de melhoramento para o projeto cooperativista em andamento.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Cooperativismo**

#### **2.1.1 Alguns conceitos**

O Cooperativismo existe desde que surgiu a humanidade no mundo. Abrange todas as ciências e todos os setores da economia. É o caminho para a democracia e a paz.

Cooperar deriva etimologicamente da palavra latina “Cooperari”, formada por “cum” (com) e “operar” (trabalhar) e significa agir simultaneamente ou coletivamente com outros para um mesmo fim, ou seja, trabalhar em comum para o êxito de um mesmo propósito (OCB, 2009).

“Cooperar é agir de forma coletiva com os outros, trabalhando juntos em busca do mesmo objetivo” (GAWLAK, 2005). Acredita-se que trabalhando juntos sobraria mais tempo para se unirem e alcançar seus objetivos.

“Cooperação: deriva do latim “cooperatio”, ação de cooperar. Etimologicamente significa a prestação de auxílio para um fim comum” (PINHO, 2004). Na ajuda mútua, trabalhar juntos para desenvolver o mesmo objetivo.

“O Cooperativismo é um movimento internacional, que busca constituir uma sociedade justa, livre e fraterna, em bases democráticas, através de empreendimentos que atendam às necessidades reais dos cooperantes, e remunerem adequadamente a cada um deles.” (OCB, 2004).

Seu propósito é a valorização do ser humano; em especial, a defesa dos associados, com base nos princípios cooperativistas. Este termo decorre da palavra cooperação. Seu propósito é a valorização do ser humano; em especial, a defesa dos associados, com base nos princípios cooperativistas.

Cooperativa é uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa com objetivos econômicos e sociais comuns a todos, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades. Fundamenta-se

na economia solidária e se propõe a obter um desempenho econômico eficiente através da qualidade e da confiabilidade dos serviços que presta aos próprios associados e aos usuários (GAWLAK, 2005). A palavra cooperação dá-nos a idéia de ajuda mútua, de ação em conjunto.

## **2.2.Aspectos Históricos**

### **2.2..1. Aspectos Históricos Gerais**

As origens do Cooperativismo são tão antigas quanto à luta pela sobrevivência. A origem da cooperação reflete a evolução da humanidade, no modo de ser, viver, agir e vencer as necessidades apresentadas pela própria vida em comunidade.

Do passado remoto até a atualidade uma grande quantidade de iniciativas cooperativistas colaboraram com a evolução da humanidade em todos os seus setores.

O espírito de cooperação e da solidariedade é profundamente humano. Antigo como a luta pela vida e vamos encontrá-lo nas sociedades mais primitivas (OCB, 2004).

A caça, a pesca, coleta de frutos, a agricultura rudimentar, a arte rupestre demonstravam aspectos da cultura cooperativista.

Com o surgimento da escrita encontra-se registros de ações cooperativistas. O Cooperativismo era prática corrente na Antiga Babilônia.

Na Bíblia Sagrada encontra-se diversas passagens que mencionam a prática cooperativista de vários povos, como por exemplo, no Livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 2, versículos 44-47.

E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e bens, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister. E, perseverando unânimes todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração. Louvando a Deus, e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.

O Cooperativismo moderno vivenciou uma tradição milenar da história amplamente documentada baseada na ajuda mútua, igualdade, associativismo e auto-gestão, dentre outros,

que aperfeiçoaram no decorrer do tempo e se ampliaram até chegar aos dias atuais (OCB, 2004).

O Cooperativismo surgiu para ser um instrumento eficaz para a organização da sociedade, democratizar os investimentos, distribuir rendas, regularizar o mercado, gerar empregos e promover a justiça social (OCB, 2004).

Nas Américas as antigas civilizações Asteca, Maia, Olmeca, Tolteca e outros grupos indígenas (mesmo alguns que subsistem na atualidade) formavam cooperativas de agricultura, caça e pesca (COSTA, 2006).

As Missões Jesuítas na América Latina, inclusive no Brasil, desenvolveram posturas cooperativistas na produção agrícola e mesmo na produção de cultura com suas orquestras, corais, escultores, atores e pintores (BANRICCOP, 2005).

“A cooperação que em todos os lugares, responde a necessidade do ser humano é na verdade um conceito universal. As cooperativas estão presentes em todos os sistemas econômicos e culturais” (OCB, 2004).

## **2.2.2 O Cooperativismo no Brasil**

Ao contextualizar a evolução histórica do Cooperativismo no Brasil, segundo Pinho (2004, p. 32), “remontando no tempo, por volta do ano de 1610, com a fundação das primeiras reduções jesuíticas no Brasil, o início da construção de um estado cooperativo em bases integrais. Por mais de 150 anos, esse modelo deu exemplo de sociedade solidária, fundamentada no trabalho coletivo, onde o bem-estar do indivíduo e da família se sobrepunha ao interesse econômico da produção”. A ação dos padres jesuítas se baseou na persuasão, movida pelo amor cristão e no princípio do auxílio mútuo (mutirão), prática encontrada entre os indígenas brasileiros e em quase todos os povos primitivos, desde os primeiros tempos da humanidade.

Pinho (2004, p.36), relata ainda que “é em 1847 que se situa o início do movimento cooperativista no Brasil. Foi quando o médico francês Jean Maurice Faivre, adepto das idéias reformadoras de Charles Fourier, fundou, com um grupo de europeus, nos sertões do Paraná, a colônia Tereza Cristina, organizada em bases cooperativas”. Essa

organização, apesar de sua breve existência, contribuiu na memória coletiva como elemento formador do florescente cooperativismo brasileiro.

A análise da evolução do Cooperativismo no Brasil, mostra desde os primórdios da colonização portuguesa, o processo de criação de uma cultura da cooperação. Embora incipiente e quase interrompida durante o escravismo, essa cultura emergia no século XX, facilitando a criação e a difusão de cooperativas dos mais variados ramos (PINHO, 2004, p. 42).

A história do Cooperativismo formal no Brasil começa com a fundação da Sociedade Cooperativista Econômica dos funcionários Públicos em Ouro Preto.

A primeira cooperativa que se tem relato, dando início oficial ao cooperativismo no Brasil, surgiu em 1889. As informações atualmente disponíveis indicam que a história do cooperativismo formal no Brasil começa de fato, com a fundação da Sociedade Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, em 27 de outubro de 1889, é a mais antiga cooperativa que se tem relato no Brasil. É a primeira iniciativa de trabalhadores livres, logo após a extinção do escravismo, para criar uma espécie de banco sob a forma de sociedade anônima, mas prevendo sua expansão a cada caixa de auxílio e socorro, na construção de casas para alugar ou vender aos sócios, além de outras atividades, muito semelhantes aos termos da Carta de Princípios, divulgada pelos Pioneiros de Rochdale quando fundaram sua cooperativa de consumo, mas que nunca passou a ser de um grande ideal (PINHO, 2004, p.13).

No decorrer do século XIX, com a chegada dos imigrantes alemães e italianos, essas iniciativas foram mais frequentes. Muitas das comunidades que se formaram por todo o território nacional, mais especialmente no Sul, tentaram resolver seus problemas de consumo, crédito e produções, criando organizações comunitárias em moldes das que conheceram em suas pátrias de origem. (OCESC, 1993).

De acordo com Alves (2003), o primeiro indício de cooperativa no Brasil data de 1847, com a fundação no Sertão do Paraná, da colônia Tereza Cristina. Com a constituição republicana de 1891, surgem as primeiras cooperativas de cunho moderno, visto que essa carta constitucional assegurava em seu art. 72, § 8º a liberdade de associação.

Destaca-se nesta época o decreto legislativo nº 979, que trata do assunto ao se referir à criação de caixas rurais de crédito agrícola e de cooperativas de produção e de consumo, quando prevê aos profissionais da agricultura e indústrias rurais a organização de sindicatos para defesa de seus integrantes (ALVES, 2003).

Contudo, é a partir do final do século XIX que surge, nos centros urbanos, as primeiras cooperativas de consumo, entre elas: a Associação Cooperativa dos Empregados da Cia. Telefônica, em Limeira (1891) e a Cooperativa Militar de Consumo, no Rio de Janeiro (1894). No início do século XX, adquire relevância a Cooperativa de Consumo dos Empregados da Viação Férrea (COOPFER), fundada em 1913, e que se expandiu rapidamente com a

criação de uma Casa de Saúde, escolas primárias, entre outras benesses voltadas para seus associados. Também é no início do século XX, o surgimento das primeiras cooperativas na área rural. Em 1902, no Rio Grande do Sul, são criadas as caixas rurais, e, em 1907, - Minas Gerais – surgem as Cooperativas de Produtores Rurais. Com tecnologia avançada e de difícil concorrência (ALVES, 2003, p. 69).

Em seguida cooperativas de vários ramos foram se multiplicando por todo o país. O Cooperativismo evoluiu e conquistou espaço próprio, definido por uma nova forma de pensar o homem, o trabalho e o desenvolvimento social.

Por sua forma igualitária e social o Cooperativismo é aceito por todos os governos e reconhecido com a fórmula democrática para a solução de problemas sócio-econômicos.

“A representação de todo o sistema cooperativista nacional cabe à Organização das Cooperativas Brasileiras – OCB, constituída no dia 2 de dezembro de 1969, durante o IV Congresso Brasileiro de Cooperativismo” (ALVES, 2003).

Com mais de um século e meio da fundação da Cooperativa "Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale", os valores de ajuda mútua, igualdade de direitos e deveres cultivados pelos tecelões ingleses permanecem inalterados, expandindo pelo mundo em todos os segmentos da atividade humana (ALVES, 2003).

### **2.2.3 O Cooperativismo em Goiás**

De acordo com OCB-GO, o Cooperativismo Goiano tem suas origens no processo de ocupação e expansão da fronteira agrícola na década de 40. O seu nascimento tem forte dependência do governo Federal e Estadual e no estabelecimento de novas diretrizes de desenvolvimento que objetivaram ter nos Estados periféricos e no estabelecimento de novas diretrizes de desenvolvimento que objetivam uma fonte de produtos primários que alimentassem a indústria no sul e sudeste do país.

A Constituição do Estado de Goiás, de 1946, em seu artigo 36, estabelecia imunidade tributária para todas as cooperativas. Havia nessa época, como integrante da Secretaria de Agricultura, o Serviço de Economia Rural, que se ocupava da promoção, incentivo, estímulo e assistência ao Cooperativismo. Esse órgão desenvolveu alguns trabalhos que resultaram nas

primeiras cooperativas goianas. Experiência essa que, pelas características de atrelamento ao Estado, de uma política efetiva de apoio ao homem do campo, não obteve resultados positivos a longo prazo (OCB-GO).

As primeiras cooperativas surgiram em Goiás a partir de 1949, porém todas tiveram vida curta. O Governo desenvolveu um projeto com objetivo de trazer imigrantes para Goiás, não somente com a intenção de povoar o estado, mas também de incrementar novas técnicas de produção agrícola na região (OCB-GO).

Segundo Labaig (2003), as três primeiras cooperativas em território goiano foram constituídas por imigrantes italianos e poloneses. No município de Rio verde foi instalada a Cooperativa Italiana de Técnicos Agricultores, em março de 1949, com objetivo de assentar 3000 famílias em uma área de 150.000 ha. Essa cooperativa foi fundada na Itália e se estabeleceu em Goiás já com um quadro social de 400 agricultores italianos. Desses apenas 106 cooperados chegaram à região e, devido às dificuldades encontradas, abandonaram o projeto, as terras e a própria cooperativa um ano após a sua criação.

Duas outras cooperativas foram fundadas nesse mesmo período e tinham em seu quadro os imigrantes poloneses, que em maio de 1949 fundaram, na cidade de Itaberaí a Cooperativa Agropecuária de Itaberaí. Essa cooperativa assentou cinquenta e uma famílias de deslocados de guerra". Em outubro de 1957 a entidade deixou de existir. (LABAIG, 2003).

Em 1949 foi fundada outra cooperativa de poloneses na fazenda Córrego Rico, situada na região entre as cidades de Inhumas e Itaberaí, com o nome de Cooperativa Rural de Córrego Rico, que durou até 1957. (LABAIG, 2003).

Na década de 1950 surgiram várias cooperativas de crédito rural, e na década de 60 surgiram as primeiras cooperativas de consumo e as agropecuárias. Contudo, somente na década de 1970 houve nova fase de estruturação do cooperativismo goiano, fortemente amarrado às políticas oficiais. (LABAIG, 2003).

A partir de 1970 a realidade do crédito rural e a agricultura mecanizada propiciou o nascimento de cooperativas com estruturas empresariais mais sólidas e preocupadas com a formação dos dirigentes e do corpo técnico para atender o cooperado. O pensamento empresarial-cooperativista nasceu nesse período. O ramo que melhor soube utilizar essa relação, graças à especificidade do seu produto, foi agropecuário. (LABAIG, 2003).

## 2.2.4 As fases do Cooperativismo em Goiás

Segundo Labaig (2003), as fases do Cooperativismo Goiano podem ser entendidas da seguinte forma: Primeira Fase – período compreendido de 1949 a 1956, Segunda Fase – período de 1957 a 1970, Terceira Fase – a partir dos anos de 1970 e Quarta Fase – a partir do século XXI, como se segue:

Na Primeira Fase tem-se o surgimento de cooperativas dentro da política do governo federal e estadual em atendimento à expectativa da Marcha para o Oeste e do programa de assentamento dirigido aos imigrantes do pós-guerra. (LABAIG, 2003). Essa política, no que concerne ao cooperativismo, foi um fracasso, mas o Governo conseguiu atingir seu objetivo de expansão das atividades econômicas no território goiano.

Na Segunda Fase encontra-se o aparecimento de cooperativas ligadas ao crédito rural; o ressurgimento das cooperativas agropecuárias e, no setor urbano, das cooperativas de consumo. Nesse período surgiu um grande número de cooperativas em todas as regiões do estado (LABAIG, 2003).

No Norte, através de um programa estabelecido pelo Banco da Amazônia, criaram-se várias cooperativas agropecuárias. Esse programa consistia em fornecer crédito somente àquele produtor que fosse cooperado. Com base nessa orientação, inclusive encampada pelos órgãos do governo estadual, as entidades que nasceram não conseguiram estabelecer uma identidade da cooperativa com o quadro social. A maioria fracassou. O movimento dos trabalhadores do campo, nesse período, fundou na região de Trombas e Formoso a primeira organização popular cooperativista dentro do que se consignou chamar a "República Cooperativista de Trombas e Formoso". Essa cooperativa surgiu como fruto da luta dos trabalhadores rurais pela conquista da terra. O movimento surgiu em 1950 e terminou com o advento do Governo Militar em 1964 (LABAIG, 2003).

Labaig (2003) relata ainda que na década de 60, no Governo Mauro Borges, foi fundada a Cooperativa de Colonização do Combinado Agrourbano de Arraias. Essa experiência foi trazida de Israel, contudo não pode ser plenamente executada porque o regime de 64 a destruiu. Em Goiás, tivemos apenas uma CIRA, Cooperativas Integral de Reforma

Agrária, criada no início de 1970 em Colméia, organizada pelo INCRA, de acordo com as determinações do Estatuto da Terra.

A partir desse período o cooperativismo goiano, principalmente aquele identificado com o meio rural, entra na fase do desenvolvimento empresarial comprometido com a modernização da agricultura nos cerrados. O cerrado adquire importância nacional pela capacidade de contribuir com o abastecimento da economia em âmbito nacional. O aparecimento e a expansão das cooperativas agropecuárias, nascidas no Sul e Sudoeste do Estado, se identificam com o projeto econômico da modernização agrícola que chega às terras do Brasil central.

No meio urbano, assim como em todo o País, as cooperativas de consumo, crédito e escolares, principalmente, sofreram um processo de retração e muitas deixaram de existir. A retomada desses ramos ao processo de organização cooperativista somente acontece a partir da década de 80. No final dos anos 1980, após a realização do X Congresso cooperativista brasileiro, em 1988, reaparecem as cooperativas de crédito rural e mútuo, bem como das cooperativas de ensino. Estas últimas, como resposta às dificuldades do sistema de ensino e, as de crédito como consequência da aspiração de produtores rurais, principalmente, de constituírem seu próprio banco cooperativo. O crescimento das redes de supermercados nesse período foi um dos fatores que levaram as cooperativas de consumo a, praticamente, desaparecerem. Nos anos oitenta surgem também as cooperativas de trabalho, organizando categorias profissionais como médicos, odontólogos, taxistas, etc. (BENECK, 1998, p.28).

É possível, diante das circunstâncias evolutivas do cooperativismo goiano e das transformações econômicas e políticas dos últimos tempos, caracterizarmos que nesse novo milênio existe uma nova fase do cooperativismo. É praticamente a fase da influência cada vez mais marcante da intercooperação, da preocupação com a comunidade assim como da afirmação dos ramos de trabalho e crédito como os que mais responderam aos desafios da sociedade atual. Ambos os segmentos respondem à realidade do desemprego e das alterações profundas nas relações trabalhistas e da necessidade de investimentos no crédito pessoal. Agrega-se ao movimento cooperativista goiano, principalmente ao ligado às atividades agropecuárias a preocupação constante com a questão ambiental, vertente moderna da sociedade que encontra eco na administração cooperativa que se fundamenta na perenidade dos nossos princípios e na preservação dos nossos recursos naturais. Se a sociedade se moderniza o cooperativismo dá respostas imediatas e consegue propor alternativas mais democráticas e duradouras não só para seus cooperantes mas para toda a sociedade.

Embora, sob a ótica econômica, o cooperativismo agropecuário represente a maior força do Estado, esse novo milênio se caracterizará, sem sombras de dúvida, na afirmação de uma tendência urbana do cooperativismo goiano onde os ramos de trabalho, transporte e crédito irão se projetar cada vez mais como propostas para resolver o problema econômico das mais diferentes classes sociais. Caracterizam-se também como ramos com uma identidade muito grande com os problemas atuais da sociedade brasileira. O microcrédito cooperativo pode ser a alternativa mais solicitada para todas as categorias profissionais que precisam realizar pequenas atividades empreendedoras e que querem fugir das grandes agências de financiamento privado e suas altas taxas de juros.

Não podemos nos esquecer que em Goiás, existem cerca de 1500 associações de pequenos agricultores familiares que, se incentivados ao cooperativismo poderão se constituir em uma grande força política do movimento, pois representam mais de 20 mil associados. Um outro aspecto são os assentamentos rurais que abrigam mais de 25 mil famílias de agricultores que se organizam, independentemente, em suas cooperativas e se encontram fora do sistema OCB (OCB-SECOOP).

Atualmente o cooperativismo goiano conta aproximadamente com 500 cooperativas registradas na Junta Comercial do Estado agrega cerca de 80 mil cooperantes e oferece cerca de sete mil empregos diretos. Destas cooperativas 161 estão registradas na OCB-GO - A representação do sistema cooperativista em Goiás. O sistema cooperativista goiano está representado pelo Sindicato e Organização das Cooperativas Brasileiras no Estado de Goiás - OCB/GO, cujo objetivo promover a defesa política e econômica das cooperativas do Estado, oferecendo serviços de apoio ao desenvolvimento sustentado das cooperativas e à integração de todos os ramos de atividade. A OCB-GO busca ser um elo entre as cooperativas, sem visar interesses políticos, partidários ou econômicos, porém, agindo no sentido de elevar sua representatividade. Tem trabalhado para fortalecer o sistema, contribuindo com outras organizações estaduais. Sua atuação tem elevado o nome do Cooperativismo nos diversos segmentos da sociedade. É integrante à política da OCB-GO o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo - SESCOOP/GO, órgão descentralizado, que tem por finalidade a formação profissional, monitoramento e promoção social da cooperativas em Goiás (LABAIG,2003).

As grandes tendências mundiais que permeiam o processo de globalização da economia exigem alternativas de organização da sociedade civil. A realidade do trabalho e seus vínculos com os aspectos sociais, políticos, econômicos e educativos apresentam incertezas e desafios, que só podem ser superados mediante a participação efetiva das pessoas na busca de alternativas economicamente viáveis.

De acordo com a Cartilha do Cooperativismo – COOPERATIVISMO PASSO A PASSO, Goiás é um Estado que vem tendo participação cada vez mais importante na agricultura nacional e as cooperativas agropecuárias do Estado, como era de se esperar, devem seguir nessa linha: ganhando importância e se solidificando. O setor urbano do cooperativismo goiano tem apresentado maiores índices de crescimento nos últimos anos. Esta deverá ser uma tendência natural daqui por diante. É consequência da concentração da população nas cidades e pelas condições impostas pelo modelo econômico, que tem alterado significativamente as relações de trabalho e emprego. Assim os ramos trabalho e crédito vêm se destacando nos últimos anos não só em termos de crescimento, mas, sobretudo, em organização e estruturação.

### **2.2.5 O Cooperativismo em Rubiataba**

Segundo estimativa do IBGE em 2008, Rubiataba é um município com aproximadamente dezenove mil habitantes. Mas estima-se que hoje seja um pouco mais. Localizada na região do Vale São Patrício, a noroeste do Estado de Goiás, a cidade de Rubiataba situa-se a 237 km de Goiânia. É uma cidade planejada, que nasceu do Projeto de Colonização Agrícola Estadual, criado para a colonização da região. Foi emancipada em 12 de outubro de 1953. O município é dividido em pequenas propriedades e seus proprietários vivem da agropecuária e da agricultura, na maioria, uma atividade familiar.

A primeira cooperativa a surgir no município foi a de produtores rurais, a Cooper-Agro. A contribuição prestada por esta cooperativa aos produtores locais, seu próprio desenvolvimento, a formação que seus dirigentes tiveram a possibilidade de adquirir foram oportunidades que fizeram as lideranças vislumbrarem outros horizontes: criar novas organizações que cumprissem outras funções econômicas e sociais como, por exemplo, uma indústria que pudesse ofertar mão-de-obra e fixar as pessoas no seu lugar (ANDRADE, 2005).

Desse pensamento nasceu uma idéia muito defendida na época, produzir álcool, o combustível alternativo nacional. Havia possibilidades reais de viabilizar o almejado empreendimento, pois as garantias de tantos cooperados (mais de 50) seriam suficientes para o financiamento solicitado junto ao Banco do Brasil (ANDRADE, 2005).

Logo após a criação da cooperativa de produção de álcool, os cooperados sentiram a necessidade de desmembrar os empreendimentos, que passaram a pertencer a cooperativas diferenciadas: a Cooper-Agro (produtores rurais) e a Cooper-Rubi (produtores de álcool).

Na hierarquia de valores estabelecida por Maslow, uma vez satisfeita uma, outra necessidade se manifesta com toda a sua força”. Assim, outras necessidades surgiam e novas possibilidades de atendimento eram criadas pelos sistemas de organizações cooperativas em Rubiataba. Surge, então, a Cooperativa de Crédito Rural, um banco cooperativo de atendimento aos seus cooperados e a outras cooperativas locais (ANDRADE apud RICCIARDI & LEMOS ,2000, p. 43),

De acordo com Andrade (2005, p.86) a partir da década de 1970 e da criação das primeiras cooperativas, despontam em Rubiataba práticas cooperativistas e ou associativistas nos mais variados ramos de trabalho. O bom desempenho econômico dessas cooperativas enseja na comunidade um imaginário de melhor qualidade de vida, levando as pessoas a buscarem a forma cooperativista, com o desejo de encontrar, neste tipo de organização, o segredo da emancipação. De fato, todos reconhecem que o cooperativismo em Rubiataba contribuiu para o desenvolvimento local, social e econômico. O cooperativismo tem credibilidade junto à comunidade, que o vê como uma alternativa para melhorar de vida.

Em Rubiataba, os grupos se organizaram pela necessidade de se fortalecer em cooperação para resolver problemas econômicos e sociais comuns e, por força desta necessidade, aprenderem o que estes autores afirmam com pertinência: “que o indivíduo desenvolve sua personalidade de acordo com sua experiência de vida.” Numa vivência em grupo, o comportamento desse grupo será ditado, também, pela experiência vivida e pela satisfação de sua necessidade. Desta forma, o cooperativismo foi a experiência que moldou a personalidade do grupo de Rubiataba e possibilitou, a partir da primeira experiência com sucesso, a constituição de outras organizações cooperativas, dando exemplo de coesão e determinação, o que é fundamental numa sociedade em construção, como era o caso de Rubiataba.

Passa-se agora a apresentar uma breve síntese dos empreendimentos cooperativos mais significantes de Rubiataba e que tem funcionado como uma rede intercooperativa, o que parece ser a garantia do sucesso do conjunto de cooperativas da região.

Criada em 1971, conforme registro no Livro de Atas, a Cooperativa Regional Agropecuária de Rubiataba – Cooper-Agro foi a forma cooperativista encontrada pelos pequenos produtores rurais de Rubiataba para desenvolverem suas atividades agrícolas e obterem benefícios sociais e econômicos. A Cooper-Agro teve uma significativa importância

para Rubiataba. Comprometidos com o projeto da construção desta cooperativa, seus associados encontraram, também pela convivência e pela solução de problemas comuns, um espaço de cooperação mútua, garantindo solidariedade para os que viriam depois. O trabalho realizado fortaleceu a bacia leiteira da região, substituindo o gado de corte, criou um entreposto para beneficiamento do leite e aquisição de caminhões transportadores. Criou-se, ainda, a Destilaria de Alcool, que aumentou a oferta de emprego aos trabalhadores rurais e uma pequena cooperativa de consumo para os produtores, que em 1993, chegou a ter 528 associados.

Para melhor visualizarmos a evolução do movimento cooperativista rubiatabense, registramos a primeira cooperativa criada em Rubiataba. A COOPERAGRO, 12 de setembro de 1971 e a COOPER-RUBI, em dezembro do mesmo ano. Em 18 de junho de 1993 foi criada a Credi-Goiás Rubiataba, hoje SICCOB do Vale. A respeito da cultura cooperativista de Rubiataba, foi criada em 29 de novembro de 2000 a Cooperativa Mista de Agricultores Familiares de Rubiataba – COOMAFAR, que pode ser considerada o braço comercial das associações de agricultores familiares da cidade. (CARVALHO&SOUSA, 2008).

A Cooperativa Agroindustrial de Rubiataba – Cooper-Rubi, conforme já registrado neste trabalho, foi criada pelas mesmas lideranças da Cooper-Agro; De acordo com o registro no Livro de Atas, dia 30 de março de 1986, ela seria um braço ou uma atividade departamental da Cooper-Agro. No dia 17/12/1986, foi registrada neste mesmo Livro de Atas a autorização do desmembramento jurídico das duas atividades, a agrícola e a industrial. Hoje ela é uma empresa próspera, que se consolidou como a maior empregadora de mão-de-obra da cidade, oferecendo em torno de 1000 empregos na safra e 600 na entressafra. Seus funcionários têm plano de saúde (UNIMED) e atenção especial na área educacional, com projetos de alfabetização de adultos, Educação de Jovens e Adultos – EJA e bolsas para alunos na educação superior (ANDRADE, 2005).

O grupo responsável pela criação das duas cooperativas pensava em outras cooperativas para fazer face às necessidades dos pequenos produtores, mas, faltava a eles o fomento que pudesse amparar as atividades desenvolvidas, ou seja, um Banco Cooperativo que promovesse a economia da região, as suas atividades e, ainda, uma faculdade que oferecesse aos jovens da região, um ensino superior de qualidade com mensalidades acessíveis, o que concorreria para a fixação dos jovens na região, assim como, a participação deles no desenvolvimento local e regional. Seria o esboço de uma rede de cooperativas apoiando-se reciprocamente: a prática da intercooperação (ANDRADE, 2005).

Foram estas possibilidades de apoio recíproco que motivaram aquelas lideranças a tentarem mais um empreendimento: a criação da Cooperativa de Crédito de Rubiataba – Credi-Rubi, mais tarde Credi-Goiás, desta vez uma empresa financeira. Essa cooperativa foi criada conforme registro em ata no dia 8 de junho de 1993 e a maioria de seus 25 associados pertencia, também, a outras cooperativas. Registrando na assembléia de fechamento do ano de 2004 o número de 336 associados. Em Rubiataba, depois da constituição da Cooperativa de Crédito, criou-se um novo sentido empresarial, de certa forma, repito, uma rede, mostrando que a participação de todos pode trazer resultados positivos, tanto individuais como coletivos. (ANDRADE, 2005).

Mediante a Cooperativa de Crédito, os produtores associados puderam financiar animais especiais, melhorando a qualidade do rebanho da região, assim como veículos utilitários e máquinas agrícolas para incrementar a produtividade. O mais importante, porém, foi a confiança, a credibilidade que o pequeno produtor adquiriu e a facilidade de obtenção de créditos. Esse crédito tem sido concedido até hoje sem registro de inadimplência, conforme afirmação de um dos diretores da cooperativa, e isto se deve ao sentimento de pertencimento ao grupo, de ser o dono, da própria cooperativa de crédito (ANDRADE, 2005).

O associado sabe que, se houver qualquer prejuízo, será seu também. Como um processo que se cumpre por etapas, faltavam ainda alguns fios para tecer a “rede” pretendida, ou seja, faltava a Cooperativa de Ensino Superior, que posteriormente nasceu como uma proposta de democratização do ensino (ANDRADE, 2005).

### **2.3 Educação Cooperativista**

A educação é um fenômeno complexo da existência humana. Por conseguinte, também tem muitas definições, compreensões ou explicações e acontece em diferentes lugares e de diversos modos. Libâneo (1998) a define como o conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

No processo da educação, podem-se identificar práticas cooperativas e, no processo da cooperação, podem-se identificar práticas educativas. A organização da

cooperação, em seus aspectos práticos, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir. Nesse processo de interlocução de saberes de cada associado, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e se potencializam como práticas sociais específicas.

Assim, no diálogo da cooperação, cumpre-se a educação, fundada no processo de construção e reconstrução dos diferentes saberes daqueles que participam da organização e das práticas cooperativas. Há, portanto, uma estreita relação entre esses dois fenômenos, entre essas duas práticas sociais: na prática cooperativa, para além de seus propósitos e interesses específicos, produz-se conhecimento, educação e aprendizagem; na prática educativa como processo complexo de relações humanas, encontra-se cooperação.

Assim sendo, entendemos que o Programa Cooperjovem - Cooperativismo nas Escolas- coloca como possibilidade de contribuição e participação desse processo de mudanças e transformações a intervenção pedagógica nas práticas de educação e da cooperação, presentes nas atividades escolares, com a expectativa de que produzam os seus integrantes novos valores, novas visões, novos comportamentos, enfim, de que se eduquem sujeitos, comprometidos com as mudanças, e construtores de uma sociedade mais justa, na qual se superem as profundas diferenças sociais, antagonismos e contradições hoje existentes.

Neste sentido, propõe o programa uma prática educativa, fundada na cooperação e não na competição, que leve à cooperação e não à competição. Propõe a afirmação da cooperação como princípio pedagógico.

Afirmando a importância da cooperação, diz Pierre Lévy (1999, p.44) “que a riqueza das nações depende hoje da capacidade de pesquisa, de inovação, de aprendizado rápido e de cooperação ética de suas populações”.

Pelas ações do programa, busca-se estimular a organização de práticas cooperativas no processo da educação escolar com o objetivo de contribuir para as mudanças e as transformações desejadas. Busca-se desenvolver ações e práticas pedagógicas, através de atividades cooperativas, com objetivos sociopolíticos e promoção da cultura da cooperação, de relações sociais cooperativas. Busca-se construir um espaço de práticas cooperativas de educação.

Afirma Libâneo (1998, p. 22), que “o pedagógico refere-se a finalidades da ação educativa, implicando objetivos sociopolíticos a partir dos quais se estabelecem formas

organizativas e metodológicas da ação educativa. Nesse entendimento, o fenômeno educativo apresenta-se como expressão de interesses sociais em conflito na sociedade”.

Não é, portanto, a educação, a pedagogia, um fenômeno neutro, isento de interesses e intenções. Neste sentido, “politizam-se” as práticas educativas e cooperativas no sentido da construção de novos espaços e oportunidades sociais, de novos conhecimentos e saberes, e não no sentido da introdução aos espaços sociais, às oportunidades, conhecimentos e saberes já existentes e dominantes.

Segundo Machado (1999, p. 89), “todo o conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios do saber”.

Através de práticas educativas e cooperativistas, procura-se estimular a responsabilidade social dos seus atores, especialmente, alunos e professores das escolas. Trata-se, pois, da institucionalização de um processo de produção de conhecimento e de conscientização política, no sentido da construção de novos espaços de vida, a partir de práticas cooperativistas, atividades e práticas escolares de educação. O sentido da educação pela cooperação, nas escolas, a sua dimensão pedagógica, é a formação de atores sociais, sujeitos construtores de uma sociedade democrática, isto é, livre, participativa e justa. Assim entendida, a prática educativa, sua dimensão pedagógica, tem também uma direção política e um conteúdo ideológico. Constitui-se também em construção de um espaço de poder. A organização de espaços de poder é fundamental ao desejo, aos interesses e às necessidades de mudanças ou transformações da realidade social.

Afirma Machado (1999, p. 98) “que saber e poder se implicam mutuamente: não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, como também, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder. Todo ponto de exercício do poder é, ao mesmo tempo, um lugar de formação de saber ‘.

A possibilidade de poder contribuir para o desenvolvimento, para as mudanças e transformações da realidade, através da educação cooperativista, tendo em vista a melhoria das condições de vida das populações envolvidas, coloca o desafio ao - Programa de Cooperativismo nas Escolas, de construir espaços de poder pelo entrelaçamento, pela integração das práticas de educação e de cooperação, como processos sociais de afirmação e emancipação de seus sujeitos.

A educação, para além de sua configuração como processo de desenvolvimento individual ou de mera relação interpessoal, insere-se no conjunto das relações sociais, econômicas, políticas, culturais que caracterizam uma sociedade [...] as funções da educação somente podem ser explicadas partindo da análise objetiva das relações sociais vigentes, das formas econômicas, dos interesses em jogo. Com base nesse entendimento, a prática educativa é sempre a expressão de uma determinada forma de organização das relações sociais na sociedade (LIBÂNEO, 1998, p.71).

Sob essa ótica, a prática cooperativa como expressão das ações entre pessoas que se associam em razão de seus interesses ou necessidades é, certamente, também um lugar privilegiado de processos de comunicação, de interação, isto é, de educação. E, como tal, as organizações cooperativas também se constituem em “espaços pedagógicos” de educação e, conseqüentemente, também de poder.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender -e- ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. [...] Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticante. Vários e distintos são os lugares e os processos da educação; diferentes são os lugares e os processos de produção de conhecimento, de aprendizagem, de desenvolvimento de habilidades (LIBÂNEO, 1998, p. 18).

Entende-se neste contexto que no processo de educação, pode-se identificar práticas cooperativas e, no processo da cooperação, pode-se identificar práticas educativas. A organização da cooperação, em seus aspectos práticos, exige de seus sujeitos e atores uma comunicação de interesses, de objetivos e práticas, a respeito do qual precisam falar, argumentar e decidir. Acredita-se que nesse processo de interlocução de saberes de cada associado, os dois fenômenos se relacionam, entrelaçam-se e se potencializam como práticas sociais específicas. Assim, no diálogo da cooperação, cumpre-se a educação, fundada no processo de construção e reconstrução dos diferentes saberes daqueles que participam da organização e das práticas cooperativas.

Entende-se ainda que a proposta de construção de uma escola fundamentada nos princípios do cooperativismo por considerar que estas são propostas que abrem a possibilidade de uma verdadeira implantação de um projeto político-pedagógico onde os pilares da Educação para um novo século estarão sendo sinceramente alicerçados.

Acredita-se numa sociedade onde a pluralidade e a heterogeneidade pode ser um caminho para uma resolução dos preconceitos e das nossas dificuldades de reconhecimento das diferenças, sejam individuais ou coletivas, visíveis ou invisíveis, abrindo espaço para uma

transformação social, a partir de nossas crianças, caminhando a passos largos para uma sociedade mais justa, solidária e cooperativa. Neste sentido dizemos que o Cooperativismo pode ser também educativo, pois exigirá de todos os que dela se aproximarem uma mudança de mentalidade e de paradigmas.

Mas não se pode construir uma nova escola sobre alicerces arcaicos e conservadores, donde precisamos de toda cooperação e interação de pais e professores nesta caminhada para um novo tempo e uma educação de e com qualidade para todos.



### **3. PROGRAMA COOPERJOVEM: COOPERATIVISMO NAS ESCOLAS**

De acordo com o Manual para Professores – OCB/SESCOOP/DF, faz-se um relato das origens do Programa Cooperjovem, seus fundamentos, seu modelo diferenciado, o projeto de intercâmbio e a primeira edição do Prêmio Nacional de Redação:

#### **3.1 Origem**

No início dos anos 1980, a Cooperativa de Profissionais Gráficos do Distrito Federal (Coopergraf) desenvolveu um material ilustrado, em formato de revistas em quadrinhos, que apresentava o cooperativismo de forma lúdica e atrativa por meio de personagens da "Turma da Cooperação". A partir dessa publicação, foi desencadeada uma ação sistematizada por um programa de trabalho, que organizava o método do repasse de informações sobre cooperativismo para jovens no ambiente escolar, constituindo-se, então, o Programa Cooperjovem.

##### **3.1.1. Fundamentos**

O Coopejovem foi instituído considerando as ações que buscam divulgar os princípios, a doutrina e a filosofia cooperativista como forma de desenvolvimento integral das pessoas. Compreende a capacitação de professores e oficinas de educandos, oferecidos como forma de disseminação da cultura cooperativista. Com base em seus princípios sociais, busca desenvolver e implementar uma proposta metodológica de educação baseada na relação ensino-aprendizagem, construída a partir de valores que embasam o cooperativismo, como justiça social, solidariedade, participação, liberdade, igualdade, equidade e autonomia; direcionada aos educadores e alunos das escolas e cooperativas educacionais, nos níveis fundamental e médio.

### 3.1.2. Modelo diferenciado

O Programa foi institucionalizado em 19 de junho de 2005 pela resolução nº 109, do Conselho Nacional do SESCOOP. Em 5 de novembro de 2005, foi aprovada a portaria nº 036, estabelecendo os procedimentos para fins de qualificação, implantação e acompanhamento do programa. "Com essa iniciativa, nós podemos construir um modelo diferenciado de relações entre alunos, professores, comunidade e cooperativa, promovendo uma mudança estrutural nas sociedades envolvidas", afirma o presidente do Sistema OCB e do SESCOOP Nacional, Márcio Lopes de Freitas.

A cada ano, mais escolas, professores e cooperativas estão aderindo ao Programa Cooperjovem, desenvolvido desde 2000 pelo Sistema Cooperativista Brasileiro. O programa tem abrangência nacional e é implementado pelas unidades estaduais do Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP), em parceria com secretarias de educação, cooperativas e estabelecimentos de ensino. Nos primeiros sete anos de implantação, o Cooperjovem envolveu 327 cooperativas, 1246 escolas, 117 cooperativas educacionais, 278.042 alunos e 9758 professores no País, de acordo com relatório divulgado recentemente pela Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e SESCOOP. Nesse período, o programa também promoveu 447 eventos de capacitação para professores.

Em todos os estados brasileiros, a proposta de educação cooperativista está conquistando cada vez mais espaço. No Paraná, o programa ganha força e se consolida como ação educacional permanente. Implantado no estado em 2002, passou de duas cooperativas parceiras para 16 até o ano de 2007. Nesse período, o número de escolas atendidas subiu de seis para 176; a quantidade de alunos evoluiu de 115 para 17.002 e a de professores passou de 22 para 870. Já o volume de municípios saltou de cinco para 62. Quatorze cooperativas educacionais também aderiram ao Cooperjovem. "Em quando as crianças participam do Cooperjovem, estão se preparando para o exercício de sua cidadania. Com o aprendizado, viabilizam expectativas de um mundo mais justo e fraterno", afirma o presidente da Ocepar, João Paulo Koslovski.

O programa colabora com o trabalho da escola na formação dos professores e na preparação de jovens que fazem parte de uma sociedade globalizada e em contínua

transformação. Mas seu objetivo é mais profundo e amplo. "Ao apresentar o cooperativismo e seus valores essenciais, como solidariedade, autonomia, responsabilidade, democracia e honestidade, o Cooperjovem age como um contraponto à competitividade bruta que tende a individualizar as relações até mesmo no cotidiano escolar", esclarece o gerente de Desenvolvimento Humano da Ocepar, Leonardo Boeche.

### **3.1.3. Intercâmbio**

Um dos objetivos do Cooperjovem é promover o intercâmbio entre escola/cooperativa e vice-versa. Nesse sentido, diversas unidades têm organizado atividades variadas para promover maior interação entre os públicos. No Paraná, a Cooperativa C.Vale, por exemplo, com sede em Palotina, promove um dia de lazer para as crianças participantes do programa com o envolvimento de várias escolas. No Ceará, foi organizada uma campanha de prevenção às cáries; no Mato Grosso do Sul o Torneio de Jogos Cooperativos e uma Gincana Cultural. Já em Pernambuco, o Prêmio de redação com o tema "Cooperativismo: você participa, todos crescem" ofereceu R\$ 3 mil como premiação aos primeiros colocados.

### **3.1.4. Prêmio Nacional**

Em 2007, foi lançada a primeira edição do Prêmio Nacional de Redação do Programa Cooperjovem, com a participação de 14 unidades nos estados do Amapá, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, São Paulo e Tocantins. Mais de 13 mil redações foram produzidas nas 167 escolas participantes. A premiação foi realizada em dezembro de 2007, na Casa do Cooperativismo, em Brasília. As duas vencedoras por categoria receberam o certificado de participação no prêmio e puderam visitar os principais pontos turísticos da capital federal e conhecer o funcionamento de duas cooperativas. O Prêmio foi criado em conjunto com as unidades estaduais, a partir da metodologia de construção participativa. A ação é dirigida aos alunos da rede de ensino e cooperativas educacionais adimplentes com o

Sistema OCB que fazem parte da primeira fase do Programa Cooperjovem (4º ao 9ºano / 3ª a 8ª série). (Fonte: Ocepar)

Partindo desse pressuposto, o Programa CooperJovem, através da Turma da Cooperação, colabora com o trabalho da escola no preparo de crianças e jovens para enfrentar as transformações cotidianas de nossa sociedade globalizada e as conseqüências advindas do progresso tecnológico. Apresenta o Cooperativismo como forma efetiva de enfatizar valores essenciais como solidariedade, autonomia, responsabilidade, democracia, igualdade e equidade, honestidade e ajuda mútua. Tais valores devem ser estimulados no preparo do jovem para o exercício de sua cidadania, para a luta por uma sociedade mais justa e igualitária na qual haja lugar para expectativas positivas de um mundo melhor, mais fraterno e que ofereça possibilidades viáveis de conquista da realização profissional e, por conseguinte, pessoal (MANUAL PARA PROFESSORES – COOPERATIVISMO).

Despertar nos estudantes o interesse pelo cooperativismo, como possibilidade real de geração de trabalho e renda, e disseminar a cooperação enquanto prática e valor nas escolas são os principais objetivos do projeto "Cooperativismo nas Escolas de Rubiataba." Os projetos educativos foram desenvolvidos para estimular a troca de experiências e para mostrar a força da cooperação quando se quer atingir um objetivo comum.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96 de 20/12/1996 e parecer de nº 04/98 - CEB), o fim maior da educação é o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Em todas as escolas, devemos garantir a igualdade de acesso dos alunos a uma Base Nacional Comum, de forma a assegurar a unidade e a qualidade da ação pedagógica na diversidade nacional, e a parte diversificada, de acordo com as necessidades e interesses da comunidade.

Ao organizar os conteúdos de ensino e as situações de aprendizagem, devemos identificar as relações que existem entre os conteúdos de ensino, as diversas situações de aprendizagem e o contexto de vida social e pessoal do aluno, estabelecendo uma relação entre a teoria e suas aplicações práticas e assim propor e negociar a definição dos objetivos, criamos situações novas que devem despertar nos alunos a vontade de se tornarem protagonistas do contexto. Por meio de uma situação-problema estabelecemos o desafio de solucioná-la, construindo as competências necessárias.

Assim, conhecimento, vida e cidadania são indissociáveis. Toda pessoa, seja ela uma criança, um jovem ou um adulto, deve poder se beneficiar de uma formação que responda às suas necessidades educativas fundamentais. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos de aprendizagens formais (leitura, escrita, expressão oral, cálculo, resolução de problemas) como conteúdos educativos (conceitos, atitudes, valores), dos quais o ser humano tem necessidade para viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento de modo geral, melhorar a qualidade da sua existência, tomar decisões de forma esclarecida e continuar a aprender (PCN e Declaração Mundial sobre a Educação para Todos).

Partindo desse pressuposto é que o SICOOB do VALE contribuiu e contribui com recursos financeiros do FATES (Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social), oferecendo cursos de especialização a seus s diretores e demais cooperados.

No ano de 2003, a entidade realizou um curso de conhecimentos básicos em cooperativas de créditos para quarenta jovens, filhos de cooperados, do 6º ao 3º ano do ensino Médio em parceria com a FACER, com o objetivo de difundir a cultura cooperativista para as novas gerações. No ano de 2004, a entidade realizou um curso de noções de Cooperativismo, finanças e economia para quarenta cooperadas, e esposas de cooperados, em parceria com a FACER, com o objetivo de difundir a cultura cooperativista e incentivar a maior participação da mulher no Cooperativismo. Em 2005, através de uma iniciativa dos professores Ms. Marco Antonio de Carvalho, Ms. Mario Lucio de Ávila e Marcos Moraes de Souza, do curso de Administração da FACER juntamente com um grupo de alunos elaboraram um projeto para capacitação de professores do Ensino fundamental de Rubiataba, com carga horária de 40 h e intitulado: Formação de Formadores da Cultura Cooperativista: uma ação multiplicadora no Ensino Fundamental de Rubiataba, e o apresentou a Cooperativa de Crédito rural de Rubiataba, para apreciação e celebração de parceria e aprovação. O projeto foi apreciado, aprovado e bem acolhido, porem não foi imediatamente executado (BORBA, 2005, p. 69).

No entanto, no dia 02 de fevereiro de 2005 foi publicada a Lei Estadual nº. 15.109/2005, que instituiu a Política Estadual de Cooperativismo em Goiás, que no seu artigo 2º inciso VII estimula a inclusão do estudo do Cooperativismo nas escolas (GOIÁS, 2005) e em abril de 2005, foi publicada a Lei Municipal nº. 1.095/2005, que dispõe sobre a Política Municipal do Cooperativismo em Rubiataba, em seu artigo 2º inciso VII, estimula a inclusão do Cooperativismo nas Escolas Municipais de Rubiataba (RUBIATABA, 2005).

No ano de 2006, a Cooperativa de Crédito de Rubiataba celebrou parcerias com a Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, Subsecretaria Regional de

Educação, Secretaria Municipal de Educação, COOPER-RUBI e COOPER-AGRO. Realizaram diversas reuniões, fizeram contatos com a Organização das Cooperativas do Brasil – OCB-GO e Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativista – SESCOOB-GO e decidiram implantar o Programa COOPERJOVEM - Cooperativismo nas Escolas em Rubiataba, no ano de 2007, nas unidades escolares, de ensino fundamental das redes estadual, municipal e particular (BORBA, 2007)

Borba (2007) relata que a OCB/SESCOOB doou o material pedagógico para os alunos e professores. A Cooperativa de Crédito Rural – SICOOB DO VALE apadrinhou o Programa e arcou com as despesas de implantação, a FACER disponibilizou seu espaço físico para reuniões e capacitações. A Subsecretaria Regional de Educação disponibilizou suas unidades escolares, conscientizou seus diretores, educadores, educandos e demais membros das comunidades escolares e instituiu a Coordenação Regional do Cooperativismo nomeando uma professora para acompanhar, orientar e coordenar o projeto nas unidades escolares estaduais e particulares, elaborou o Projeto Empreendedorismo e Cooperativismo nas escolas para ser elemento norteador da prática pedagógica Cooperativista. A Secretaria Municipal de Educação indicou uma funcionária para coordenar o projeto nas escolas municipais. A COOPER-RUBI e COOPER-AGRO igualmente colaboraram financeiramente com a Cooperativa de Crédito para o bom andamento do projeto.

A implantação do Cooperativismo nas escolas é uma inovação educacional que visa preservar a história, divulgar a política cooperativista às novas gerações, conscientizá-las e livrá-las do individualismo e do egocentrismo preparando-as para serem agentes transformadores de suas realidades sociais visando a melhoria de vida da população e minimizando a exclusão social.

Embasados no regulamento do Fundo de Assistência Técnica Educacional e Social (FATES) da Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba - SICOOB DO VALE, art. 2º, na Lei Estadual nº. 15.109/2005, art. 2º e na Lei Municipal nº 1095/2005 e no Termo de Compromisso Tripartite, assinado em 08 de novembro de 2006, entre o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo no Estado de Goiás – SESCOOP-GO, Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba – SICOOB DO VALE e os Diretores das Unidades Escolares, a educação cooperativista é implantada no ensino fundamental do município de Rubiataba no dia 15 de janeiro de 2007, através dos temas transversais e de forma interdisciplinar.

Segundo Borba (2007) a educação cooperativista de Rubiataba se distingue dos demais municípios: atende as redes estadual, municipal e particular, totalizando 16 unidades

escolares. Atende de 1º ao 9º ano. Representa 6% das escolas, 64% dos professores e 60% dos alunos do Programa Cooperjovem em Goiás.

Os professores selecionados para participarem do programa fizeram no ano de 2007, dois cursos de capacitação:

- Cooperativismo – Noções e teoria – 40 h pela SICOOB do VALE;
- Jogos e dinâmica cooperativista – 24 h pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativista em Goiás – SESCOOP- GO.

Participaram também de um seminário com a equipe do Serviço Nacional de Aprendizagem Cooperativista em Goiás – SESCOOP-GO. que visitaram Rubiataba e trouxeram orientações sobre o Programa Cooperjovem. Receberam orientações, acompanhamento e visitas nas Unidades Escolares.

Assim sendo, o que se observa é que objetivo principal do Cooperjovem é ensinar aos alunos das escolas do ensino fundamental onde é implantado os princípios e valores do cooperativismo, produzindo resultados práticos nos envolvidos. Desde a sua implantação no Paraná, o programa já envolveu milhares de alunos e professores. Segundo o SESCOOP , Em 2008 o programa abrangeu 7.574 alunos de 92 escolas de 31 municípios (BORBA, 2007).

Segundo a Secretaria Estadual de Educação de Goiás, escolas estaduais de Rubiataba participaram, em maio, do programa Cooperjovem, da Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba (SICOOB do Vale), que promoveu diversas atividades com os estudantes, divulgando o cooperativismo. Entre outras ações desenvolvidas pelas escolas, destaca-se a criação da horta escolar da Escola Estadual Bernardo Sayão. Trata-se de uma horta cooperativista, em que funcionários e alunos do 5º ano do Ensino Fundamental fizeram o plantio. Cada servidor da escola ficou responsável por manter um canteiro com espécies variadas de verduras e legumes. A horta cooperativista irá reforçar o lanche escolar. O excedente será distribuído entre os funcionários e a comunidade. Outra escola que participou do programa foi o Colégio Estadual Gilvan Sampaio, que também mobilizou os alunos, professores e comunidades com o projeto Cooperativismo em ação: combate à dengue, para prevenção e conscientização dos moradores. Dentre as atividades desenvolvidas, houve palestras, visitas às residências do bairro, oficinas pedagógicas, panfletagem, teatro, murais, exposição de trabalhos e apresentação de paródias (SEE-GO).

Em parceria com estudantes do pólo de Itapaci da Universidade Estadual de Goiás (UEG), o Cooperjovem realizou, ainda, um projeto de estágio intitulado “A história do cooperativismo no mundo, no Brasil, em Goiás e em Rubiataba” (SEE-GO).

Segundo o SESCOOP, O Cooperjovem celebrou a Semana do Índio em Rubiataba. Objetivo do evento foi proporcionar aos estudantes mais conhecimento sobre a cultura indígena brasileira

Em comemoração ao Dia do Índio, celebrado no último dia 19, a Cooperativa de Crédito Rural de Rubiataba (SICOOB do Vale), em parceria com o Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo do Estado de Goiás (SESCOOP/GO) promoveu evento com a temática “Índio, exemplo de cooperação ativa”. A ação foi realizada de 13 a 17/4, no Colégio Estadual Levindo Borba, com os alunos do 5º ano, Professora Zizilana Gonçalves e Deila Consolação e desenvolveu diversas atividades pedagógicas. O objetivo do evento foi proporcionar aos estudantes mais conhecimento sobre a cultura indígena brasileira. Para isso a coordenação realizou pesquisas bibliográficas sobre o tema e promoveu intercâmbio com o Colégio Estadual de Educação Indígena Cacique José Borges, que está localizado em uma aldeia próxima ao município. Os dois colégios são apadrinhados pelo Sicoob do Vale no programa Cooperjovem. Os estudantes também elaboraram diversas produções textuais e desenhos com a temática do Índio e encerraram o evento com uma apresentação artística. “As crianças se apresentaram com trajes em verde e amarelo e com o símbolo do cooperativismo desenhado em seus cocares, demonstrando que é possível trabalhar o cooperativismo interdisciplinarmente com criatividade, dedicação e compromisso de todos”, disse a Coordenadora Regional do Cooperjovem, Vera Borba. (SESCOOP/GO)

## 4 METODOLOGIA

### 4.1 Tipo de pesquisa e a abordagem da pesquisa

A presente pesquisa inicialmente assumiu a forma de pesquisa exploratória, pois de acordo com Gil (2002, p.41), um trabalho é de natureza exploratória quando envolve levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou tem) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores (GIL, 2002, p. 43). As pesquisas exploratórias, visam proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo.

Gil (2002), reitera que a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses, tendo como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.

Köche (1998, p. 126) acrescenta que esse tipo de pesquisa é adequado para casos em que ainda não apresentem um sistema de teorias e conhecimentos desenvolvidos. "Nesse caso é necessário desencadear um processo de investigação que identifique a natureza do fenômeno e aponte as características essenciais das variáveis que deseja-se estudar."

O estudo de caso assume a natureza de pesquisa descritiva, que de acordo com Gil (2002, p.42)

Tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionários e a observação sistemática (GIL, 2002, p. 42).

As pesquisas qualitativas são realizadas a partir de entrevistas individuais ou discussões em grupo, de sua análise verticalizada e relação ao objetivo em estudo permitem identificar pontos comuns e distintos presentes na amostra escolhida.

## 4.2 Coleta de dados

O estudo de caso constitui-se em um método amplamente utilizado para a execução da pesquisa exploratória, o que não significa que outros tipos de pesquisa não possa utilizar-se de tal método.

Trata-se de um estudo em profundidade de uma unidade de interesse, que pode ser único ou múltiplo e a unidade de análise pode ser uma ou mais pessoas, família (s), produto (s), empresa(s) ou unidade(s) da empresa, um órgão público, ou mesmo um país ou vários países.

Gil (2002) pressupõe a existência de alguns fatores para os quais o estudo de caso é recomendável, tal como na fase inicial de uma investigação sobre temas complexos, em que se exige a construção de hipóteses ou reformulação do problema. “Também se aplica com pertinência nas situações em que o objeto de estudo já é suficientemente conhecido a ponto de ser enquadrado em determinado tipo ideal”.

A observação pode assumir diversas classificações, na presente pesquisa adota-se a observação participante, que segundo Gil,

Consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada. Neste caso, o observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de um membro do grupo. Daí por que se pode definir observação participante como a técnica pela qual se chegue ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo (GIL, 2002, p.113).

A observação por si só não seria suficiente para a averiguação e delineamento da coleta de dados desta pesquisa, então será usado também o questionário, onde Gil (2002, p.128) afirma que é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.

## 5 RESULTADOS

### 5.1 Implantação do Programa

O Cooperjovem é um Programa do Sistema Cooperativista Brasileiro idealizado com o objetivo de difundir o cooperativismo. Nesse sentido, trabalha para ampliar a ação educacional das escolas, proporcionando aos educadores e educandos os meios e as oportunidades de praticar a cooperação como alternativa solidária de encaminhamento profissional e desenvolvimento pessoal. O Cooperjovem acredita na educação cooperativa como elemento chave na transformação da comunidade.

O Programa Cooperjovem caminha rumo à expansão de suas unidades. Em Goiás, o programa, gerido pela OCB/SESCOOP-Go começa a ganhar adesão das cooperativas de crédito. No ano de 2007 O Programa foi implantado em Rubiataba.

De acordo com matéria do Portal do Cooperativismo (SESCOOP), o Cooperativismo abrange todas as ciências e todos os setores da economia. Acredita-se que ele seja o melhor caminho em busca de democracia e paz e a educação, formação e informação é o quinto Princípio do Cooperativismo e o mais importante, pois todos os demais dele. A educação cooperativista está alicerçada no 5º e 7º princípios do Cooperativismo. Por isso a OCB definiu a Diretriz nacional de Educação Cooperativista, a ser implantada pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo – SESCOOP, em todas as Unidades Estaduais tendo como objetivo final, melhorar a qualidade de vida dos associados.

Acredita-se que educação participativa oportuniza novos caminhos e novas formas de convivência. Desenvolve a igualdade e a liberdade no direito de pensar, ouvir, questionar, analisar, aprovar, avaliar e agir. Com o trabalho cooperativo as pessoas passam a descobrir seu potencial e desenvolvem valores e atitudes de respeito que contribuem para melhorar a qualidade de vida. A partir do momento em que a pessoa descobre o cooperativismo, vai perceber que não está sozinha e que tanto suas ações, quanto seus pensamentos vão estar em contato com as ações e pensamentos de outras pessoas e que, juntas partilharão do mesmo sucesso como verdadeiros empreendedores.

A educação é a base para explorar as potencialidades e habilidades do indivíduo e fazer com que o ser humano pense, reflita, discuta e aja conscientemente dentro de uma análise crítica em toda e qualquer decisão. Os processos educativos do cooperativismo são os meios pelos quais ocorre a transmissão das idéias, dos valores, dos princípios e das ações próprias do cooperativismo. Por isso, percebe-se que há estreitos vínculos entre cooperativismo e educação.

Assim sendo, acredita-se que a educação cooperativa seja a ferramenta adequada para transformar o Brasil em um país cooperativista. A educação e a capacitação são instrumentos de conhecimentos básicos para qualquer instituição, mas nas cooperativas é uma questão de sobrevivência. Sem esses investimentos, as cooperativas são discriminadas e marginalizadas pelo poder do capital e pelo processo social dominante que é a concorrência e o conflito. Quando se investe em educação estamos dando passos para a mudança comportamental do cooperado, com o intuito de transformar o perfil do associado desinformado, desestimulado, desinteressado, não participativo, individualista, competitivo, para o perfil de associado bem informado, solidário, motivado, participativo, ousado e empreendedor. Educar para a solidariedade e a ajuda mútua, tende a ser tarefa precípua das cooperativas. Por isso a importância de dirigentes de cooperativas serem sensíveis a realidade, investirem na educação dos seus associados e funcionários. É com esses instrumentos que se obtém o sucesso do empreendimento e um eficiente relacionamento entre cooperativa e o cooperado.

## **5.2 Avaliação das ações**

Através de pesquisas, conversas, e entrevistas com alunos, professores, coordenadores, diretores das unidades escolares e em especial com a coordenadora do Programa Cooper Jovem em Rubiataba, professora Vera Lucia Borba, pode-se perceber que através do Cooperativismo nas escolas ocorreram mudanças significativas no ambiente escolar. Dentre os quais destacamos maior cooperação e participação da comunidade escolar, maior zelo com o patrimônio escolar, material pedagógico mais atrativo, aulas diferenciadas e diversificadas, alunos mais criativos, comprometimento e criatividade do professor, espírito cooperativo na comunidade escolar e familiar, diminuição da competitividade.

Nos diz que “Ela e todo o grupo que compõe o Cooperjovem, estão muito satisfeitos com os resultados do Programa Cooperjovem, e mais ainda, com o comprometimento dos coordenadores e professores que estão à frente do processo”.

Nos informa ainda que com a missão de cultivar a cultura da cooperação entre alunos do ensino fundamental, o Cooperjovem entra em seu nono ano de funcionamento como programa do SESCOOP. Somente em 2008 mobilizou 382 escolas em 107 municípios, 1.631 professores e 51.849 alunos. “A atualização de informações se faz necessária não só para conhecer melhor todos estes envolvidos como também para dimensionar com a maior eficiência possível, os materiais necessários para a sala de aula”, enfatizou a professora Vera Borba.

### **5.3 Propostas de ações de melhoria**

Pode-se considerar diante da pesquisa que o Cooperativismo na Escola instiga a comunidade escolar como um todo a pensar numa sociedade mais justa, solidária, igualitária, autônoma, democrática e participativa. Desperta em quem participa o sentimento de equipe, coletividade e cidadania. Estimula a valorização da cultura local e a compreensão de questões sociais, vivência dos princípios cooperativistas e valores humanos; maior integração da escola com a comunidade, fator este fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem, pois o que se observa no ambiente escolar é que quando há uma efetiva participação da comunidade na escola a aprendizagem é mais significativa e realizada com maior sucesso, e o Cooperativismo oferece e estimula essa participação.

Considera-se ainda que o trabalho interdisciplinar proporciona uma infinidade de tarefas, ou seja, são realizadas diversas oficinas pedagógicas oportunizando no ambiente escolar uma nova realidade; integra professores de diferentes áreas de atuação, desperta para a liderança, cooperação, solidariedade, interesse, união, colaboração, motivação, espírito de equipe, convivência social e organização do trabalho e ainda a minimização dos índices de violência na escola.

Todos ganham com a interdisciplinaridade. Os alunos, porque aprendem a trabalhar em grupo, habitam-se a essa experiência de aprendizagem grupal

e os professores, porque se vêem compelidos melhoram a interação com os colegas. Pelos próprios alunos, a ampliar os conhecimentos de outras áreas; têm menos problemas de disciplina e melhoram a interação com os colegas de trabalho. A escola porque a sua proposta pedagógica é executada de maneira ágil e eficiente; tem menos problemas com disciplina e os alunos passam a estabelecer um relacionamento de colaboração e parceria com o pessoal da equipe escolar, assim como, com a comunidade onde está inserida a escola (HAMZE, 2006, p. 13).

De outra feita, vimos que os jogos cooperativos, onde os participantes jogam uns com os outros superando desafios e compartilhando o sucesso, o confronto é eliminado cedendo lugar ao encontro, à união de pessoas em prol de um objetivo comum e a eliminação do medo e do fracasso.

Percebe-se ainda que o Cooperativismo não esteja apenas ligado a cooperativas, ou na união dessas pessoas em prol de seus interesses perante governos e entidades. Cooperativismo em seu significado genérico é a união, a cooperação de pessoas de um determinado seguimento em busca de objetivos mútuos. Mas isso vai além da busca por direitos, porque une as pessoas através de laços de amizade, companheirismo e amor, além dos interesses em comum, cooperativismo também é vida, pois renova a esperança de famílias e crianças que necessitam de ajuda através de seus projetos sociais, e é este o fundamento do Programa Cooperjovem. É informação, pois contribui para que sua sociedade fique por dentro das mudanças sociais em diversas áreas, desde a agricultura até a educação.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Borba (2007) nos diz que lamentavelmente percebemos que a cultura, a legislação, a educação e o Direito cooperativista não são muito divulgados nos meios acadêmicos e na sociedade de modo geral.

No entanto, o presente trabalho realizado conseguiu atingir satisfatoriamente os objetivos propostos, ou seja, estudar, analisar e conhecer a história, a legislação e a educação cooperativista de modo geral e especialmente nas escolas e deste modo pode-se reconhecer que o Cooperativismo sempre impulsionou e impulsiona o desenvolvimento de Rubiataba.

Percebe-se ainda que o Cooperativismo sempre existiu, às vezes de forma mais modesta, outras vezes de forma mais consistente. É um movimento internacional que objetiva a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, humana, solidária e democrática. Promove a pessoa humana, preserva a dignidade pelo trabalho e vivencia os valores humanos e os princípios cooperativistas e são esses os valores que estão sendo trabalhados nas escolas.

Outro fator a se destacar é que o projeto Cooperativismo nas Escolas – Cooperjovem teve grande receptividade na comunidade escolar e local, causou grande impacto no ambiente educacional e envolveu autoridades educacionais e cooperativistas de nossa região. Dentre os parceiros desse projeto, vale ressaltar a participação efetiva e expressiva da Subsecretaria Regional de Educação e da Coordenadora do projeto na regional que oferece suporte pedagógico, acompanha, orienta, incentiva, apóia e trabalha com determinação e competência nas escolas estaduais e particulares difundindo e divulgando a educação cooperativista através da interdisciplinaridade e das diversas formas de expressão educacional, cultural e social.

Sugere-se que a educação cooperativista em um futuro próximo possa ser inserida na condição de disciplina na matriz de habilidades e competências nas unidades escolares, haja vista a historicidade do Cooperativismo no município e que os prefeitos, baseados na Lei nº 1095/2005 possam destinar recursos financeiros específicos na proposta orçamentária municipal para implementar a educação cooperativista e complementar os recursos do FATES.

Espera-se que o Núcleo de Cultura Cooperativista ora implantado se transforme em uma realidade, produza frutos e seja um referencial da educação e da cultura cooperativista acessível a toda a população. Que as crianças de hoje aprendam o verdadeiro

sentido do Cooperativismo e aprendam a ser verdadeiros líderes comprometidos com o desenvolvimento sustentável, a cidadania e a justiça social e para tanto sugerimos:

1. Dotar as escolas de meios para a inserção e o desenvolvimento do tema cooperativismo em seu currículo;
2. Fornecer material didático destinado à escola para ser incluindo no acervo da biblioteca da mesma;
3. Promover o intercâmbio entre as escolas de todo o estado, no sentido de promover a integração e a promoção dos princípios do Cooperativismo;
4. Promover novos cursos de capacitação para educadores (multiplicadores) em cooperativismo na metodologia do Programa para capacitarem outros educadores das escolas;
5. Disseminar e/ou fortalecer a cultura da cooperação nas escolas e nas cooperativas educacionais;
6. Desenvolver práticas pedagógicas, não só nas escolas de ensino fundamental, mas também nas escolas de ensino médio;
7. Valorizar, capacitar e estimular os educadores do ensino fundamental e médio para que sejam os principais animadores e orientadores da proposta;
8. Estimular a organização de cooperativas experimentais, pelos alunos e comunidade em geral;
9. Contribuir para a formação dos educandos, inserindo como temática na sua educação princípios, fundamentos e valores do cooperativismo, garantindo acesso a conhecimentos que estimulem uma participação ativa no processo de desenvolvimento econômico, social e político do País.
10. Promover concursos entre as escolas do município, buscando a valorização dos trabalhos desenvolvidos na regional de Rubiataba.

## REFERÊNCIAS

A CARTILHA DO COOPERATIVISMO: **Cooperativismo passo a passo**, OCB-GO, 2007.

ANDRADE, Zita Pires de. **COOPERATIVISMO NO ENSINO SUPERIOR: O caso da Cooperativa de Ensino Superior de Rubiataba**. UCG - Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Mestrado Em Educação.

ALVES, Francisco de Assis, MILANI, Imaculada Abenante. **SOCIEDADES COOPERATIVAS: Regime jurídico e procedimentos legais para constituição e funcionamento**. 2 ed. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2003.

BENECK, Dieter W. **COOPERAÇÃO & DESENVOLVIMENTO: O papel das cooperativas no processo de desenvolvimento econômico nos países de Terceiro Mundo**. Porto Alegre: Coojornal, 1980.

BORBA, Vera Lúcia Maria. **Legislação e educação cooperativista em Rubiataba**. Rubiataba: 2007. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Centro de Ensino Superior de Rubiataba, Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, Rubiataba, 2007.

BRASIL, Constituição (1998). **Constituição da República Federativa do Brasil**. BRASÍLIA: Senado, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 9.394/96**.

CARVALHO, Marcos Antonio & SOUSA, Marcos de Moraes. **Educação Cooperativista e Sustentabilidade do Movimento em Rubiataba**. Cuiabá, 2008.

COOPERJOVEM, Programa. **Manual para professores: Cooperativismo, caminho para a democracia e a paz**. OCB/SESCOOP, Brasília-DF, 2002.

COOPERJOVEM celebrou semana do índio em Rubiataba. Disponível em

[http://www.ocb.org.br/site/cooperjovem/noticias\\_mural\\_detalhes.asp?CodNoticia=6627](http://www.ocb.org.br/site/cooperjovem/noticias_mural_detalhes.asp?CodNoticia=6627). Acesso em 29/04/2009.

COOPERATIVISMO COOPERJA. Disponível em <http://www.cooperja.com.br/cooperativismo.php>. Acesso em 25/04/2009.

COOPERATIVISMO Goiano - Sua História. Disponível em  
<http://www.ocbgo.org.br/site.do?idArtigo=22>. Acesso em 29/03/2009.

COSTA, WELINGTON R. **Cooperativismo – Uma evolução**. Disponível em  
<http://www.overmundo.com.br/overblog/cooperativismo-uma-evolucao>. Acesso em  
25/04/2009.

GAWLAK, Albina. **COOPERATIVISMO, Primeiras lições**. 2.ed. Brasília – DF,  
SESCOOP, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HISTÓRIA do Cooperativismo. Disponível em  
[http://www.banricoop.coop.br/site/historico\\_cooperativas\\_de\\_credito.php](http://www.banricoop.coop.br/site/historico_cooperativas_de_credito.php). Acesso em  
11/05/2009.

IBGE CIDADES. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>.  
Acesso em 12/04/2009

LABAIG, Henrique. **O cooperativismo goiano**. Goiânia, OCB-GO, 2003.

HAMZE, Amélia. **Interdisciplinaridade na escola**. Disponível em  
[www.brasilecola.com/equipe/](http://www.brasilecola.com/equipe/) - 35k.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**. 12. ed. Porto Alegre: Vozes,  
1988.

LEI Nº 5764/71 – **Política Nacional do Cooperativismo**.

LEI ESTADUAL nº 15109/2005 – **Estabelece a Política Estadual do Cooperativismo**.

LEI MUNICIPAL nº 1095/2005 - **Estabelece a Política Municipal do Cooperativismo**.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço.** 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MACHADO, Roberto. **Introdução. Por uma genealogia do saber.** 14 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

NUNES, César. **EDUCAÇÃO COOPERATIVISTA: Novos Paradigmas para a Educação Brasileira no Terceiro Milênio.** Artigo Publicado em Educação Cooperativista, coleção Estudo e Pesquisa nº 03, 2001, p 61-69.

PINHO, Diva Benevides. **O pensamento cooperativo e o cooperativismo brasileiro.** São Paulo: CNPq, 1982.

## APÊNDICES

### **Entrevista concedida pela Professora Vera Lúcia Maria Borba, Coordenadora Regional do Programa Cooperjovem em Rubiataba.**

**1) O Cooperjovem já é uma referência significativa para a sociedade, e um dos programas que a OCB tem dado maior atenção, é uma ação que vem apresentando resultados significativos. A Senhora poderia citar casos em que se configura esse sucesso?**

São inúmeros os relatos sobre os resultados do Programa Cooperjovem, e posso falar sobre os trabalhos desenvolvidos em Rubiataba em todas unidades escolares.. Mais que a realização coletiva de ações e geração de propostas voltadas para o desenvolvimento local, o Programa Cooperjovem fortifica a cultura da cooperação e, conseqüentemente trabalha os princípios e valores do cooperativismo, principalmente quando o processo de cooperação conta com a participação de todos os envolvidos. Um dos sucessos mais expressivos, foi a realização da I Mostra Cultural de Rubiataba , da Inauguração do Núcleo de Cultura Cooperativista Inge Burg Baffuto do Prêmio de Redação, inclusive fomos premiados e ainda a participação no Concurso Cooperjovem com dois projetos: Reciclagem e Cooperativismo ( Profª Juliana ) e Sabão de Álcool ( Profª Marisaura). Nessas ações pudemos conhecer o trabalho dos educadores e as mudanças que acontecem no ambiente escolar e na comunidade com a implantação da cultura da cooperação.

**2. Que estratégias podem ser utilizadas para promover a ampliação do Programa nas escolas?**

Levar o Cooperjovem para as escolas públicas, particulares, e municipais de outros municípios vinculados ao Sicoob do Vale, tais como Nova América e Carmo do Rio Verde são outras formas de ampliar o Programa. As unidades do SESCOOP realizam diversas atividades por conta do Programa, por exemplo, as ações de formação de professores, os encontros estaduais de professores, as gincanas e os torneios de jogos cooperativos são ações comuns as unidades que realizam o Programa, Uma estratégia é essa parceria com as secretarias regionais e municipais de ensino e, principalmente com as cooperativas, ambas fortalecem a durabilidade do Programa na cidade.

**3. Em que perspectiva o Cooperjovem pode contribuir para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem?**

O cooperativismo sempre foi visto como uma excelente ferramenta de desenvolvimento das pessoas. O Sescop-GO , por meio do Programa Cooperjovem contribui na formação dos alunos, professores e técnicos do ensino fundamental até os níveis escolares mais graduados. Oferece oportunidade para construir uma sociedade mais O Programa Cooperjovem contribui com uma etapa importante da formação do ser humano que é a educação básica, inserindo valores e a filosofia cooperativista, gerando futuros cidadãos com a consciência cooperativa.

**5. Que avaliação a senhora faz do Prêmio Nacional de Redação do Programa Cooperjovem, em que várias escolas de Rubiataba participaram?**

Podemos considerar os Prêmios Nacionais de Redação do Cooperjovem uma ação de sucesso. Incentivar e contribuir com a formação escolar é compromisso do Programa. O esforço e dedicação dos alunos devem ser reconhecidos e cada vez mais pensamos em oferecer prêmios melhores, Tanto em 2007 quanto em 2008 tivemos alunos classificados a nível de Goiás, os quais receberam do Sicoob do Vale uma premiação no valor de 150,00 ( 3 em 2007, 4 em 2008 ) demonstramos que a educação pode levá-los a realização de qualquer sonho. Vale destacar que o sucesso das edições do Prêmio são reflexos da dedicação dos educadores na preparação dos alunos para a produção textual e à criatividade dos educandos no desenvolvimento dos textos. Além, é claro do excelente trabalho realizado pelas unidades que também fazem as premiações nos estados, multiplicando a ação do Prêmio de Redação.

**6. É possível a senhora fazer uma análise do desenvolvimento do Programa no município de Rubiataba e as cidades vizinhas atendidas pela Subsecretaria?**

O Programa Cooperjovem tem um forte compromisso com a educação. Temos a certeza de que os resultados obtidos já são vistos com interesse por aquelas escolas que ainda não contribuem diretamente com a ação. Consideramos uma vitória a participação das escolas na Semana Nacional do Cooperjovem, isso demonstrou o sério envolvimento e comprometimento com o Cooperjovem. A unidade nacional do Sescop preocupa-se com a qualidade e o fortalecimento das escolas cujo Programa já esteja implantado.

**7. Quais são as perspectivas do Programa para o ano de 2009?**

As maiores expectativas são a reformulação da capacitação dos professores envolvidos , realização de oficinas pedagógicas, Ciclo de palestras , seminários e cursos , aquisição de material pedagógico para todos os alunos e professores participantes do Programa Cooperjovem.

**Entrevista concedida pela Prof<sup>a</sup> Zizilane Gonçalves, do Colégio Estadual Levindo Borba:**

“Sonho que um dia este país acordará e viverá de verdade o sentido da frase: todos os homens foram criados iguais”

**Martin Luther King**

**1) Quando foi que a senhora começou a trabalhar o cooperativismo na sua sala de aula? Foi possível registrar algum avanço de imediato diante dos conceitos e idéias mostrados?**

Foi assim que cheguei aqui na escola, ou seja, em 2008 e assim que iniciamos nossos trabalhos já pude notar avanços nos alunos, especialmente no que diz respeito a integração entre a turma, o respeito com que uns tratam os outros. Afinal, um dos princípios do cooperativismo é isso, cooperação, integração....

**2) Que contribuições a senhora considera que o Programa Cooperjovem tem trazido para melhorar a aprendizagem em sala de aula?**

As contribuições são muitas. A começar pela idéia de que é possível viver em um mundo mais justo e solidário. O interessante é que as atividades podem ser flexíveis, de acordo com a necessidade, interesse da turma e à dinâmica em sala de aula. Cabe ao professor servir-se da metodologia participativa, usando a criatividade e aproveitando cada situação para transformá-la em vivências e conceitos que facilitem a compreensão do que está sendo aprendido.

**3) A senhora tem se preocupado em buscar aproximações do cooperativismo com o processo educativo, com a prática em sala de aula. Como esta acontecendo esta aproximação?**

Acredito que o professor tem papel fundamental no programa. É ele quem vai trabalhar o conteúdo em sala de aula e envolver os alunos na cultura da cooperação. Com isso, a criança descobrirá os valores e princípios cooperativistas, e ainda praticará a ajuda mútua, a cooperação, a solidariedade em pequenos gestos do dia-a-dia.

**4) O que a senhora acha que o cooperativismo realmente ensina para os alunos?**

O cooperativismo nos ensina a sermos mais unidos, mais companheiros, nos ensina a compartilhar as coisas. Eu acredito que foi isso que faltou na época que os nossos políticos estavam na escola. Talvez se naquela época tivesse a matéria, o nosso País hoje poderia ser diferente.

**5) A senhora acredita que o Programa Cooperjovem – Cooperativismo na Escola trouxe mudanças significativas no seu relacionamento com os alunos? Houve alguma mudança?**

O Programa melhorou o relacionamento entre mim e os alunos e entre estes e o demais. Com isso a comunidade se aproxima das práticas escolares, favorecendo ainda mais a permanência dos alunos na escola com qualidade. Acredito mesmo que a principal conquista foi a de tornar os alunos mais conscientes de suas atitudes.

## DECLARAÇÃO

Eu, VERA LÚCIA MARIA BORBA, portadora da Carteira de Identidade nº 263941- SSP/GO, CIC 422777521-34, Graduada em Letras Modernas pela FAFISP de Ceres- GO e pós graduada em Língua Portuguesa pela Faculdade de Ciências e Educação de Patrocínio- MG, declaro para os devidos fins que se fizerem necessários, que realizei a revisão gramatical e ortográfica da monografia intitulada: "Educação Cooperativista: Experiências em Rubiataba – Go", da acadêmica JULIANA ALVES DOS REIS do curso de Administração da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER.

Por ser verdade firmo a presente

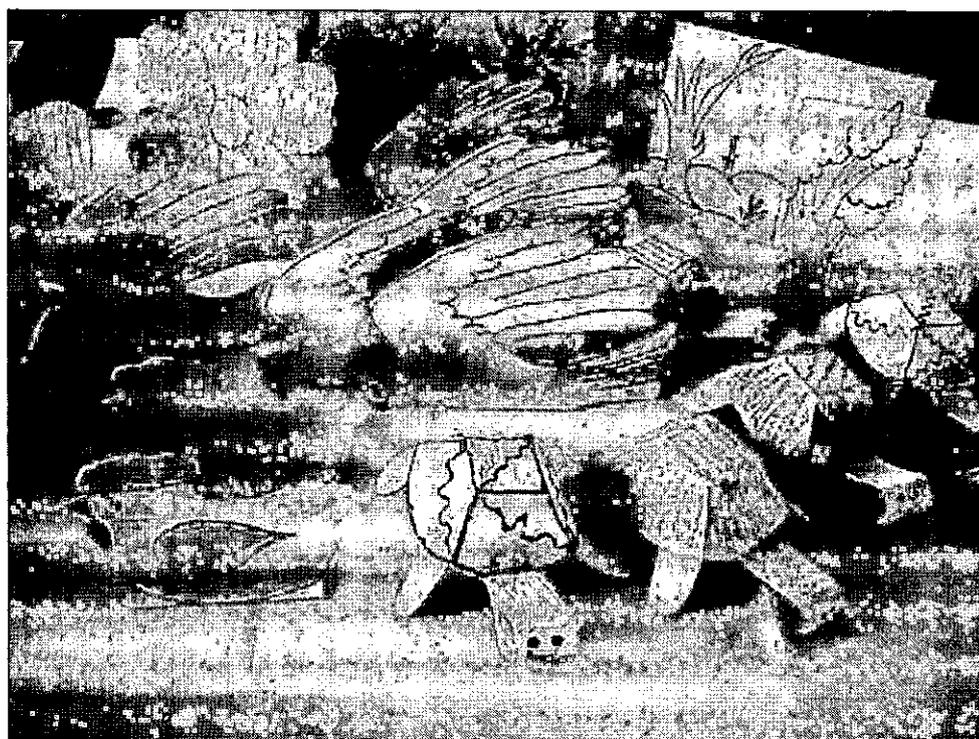
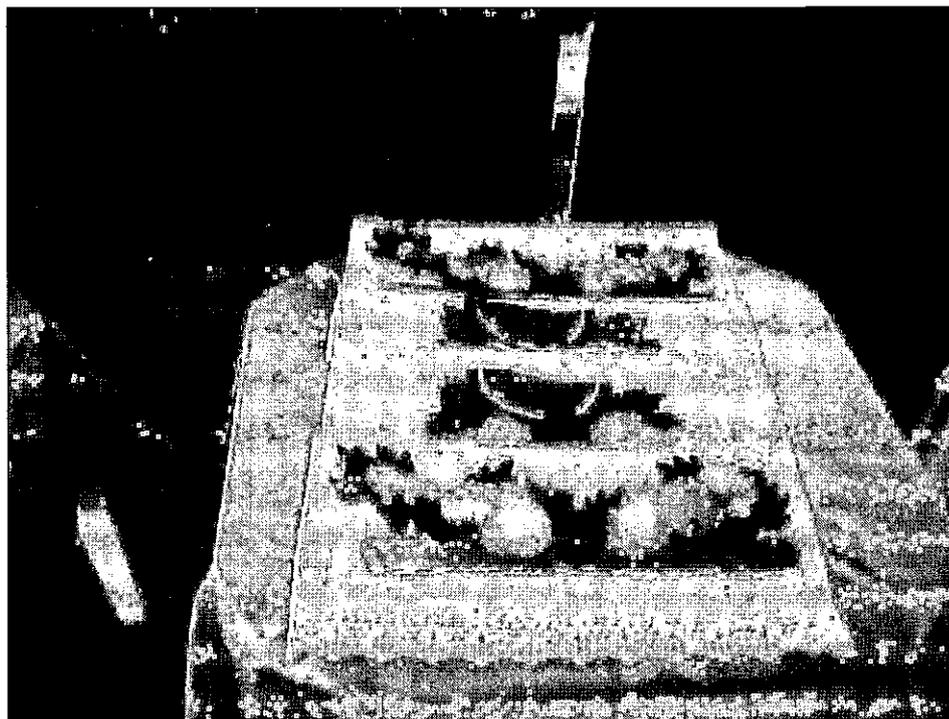
Rubiataba, 07 de julho de 2009

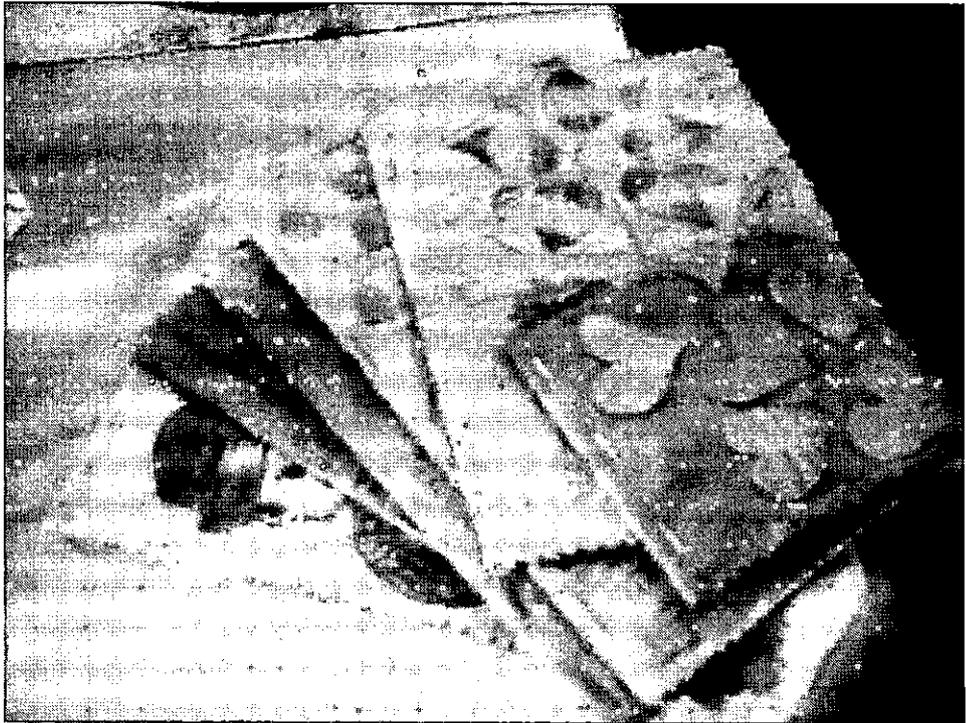


Vera Lúcia M. Borba

TRABALHOS REALIZADOS PELOS ALUNOS PARA A I AMOSTRA CULTURAL  
COOPERATIVISTA DE RUBIATABA









FEIRA COOPERATIVISTA DA ESCOLA OSCAR CAMPOS –

Participação dos alunos do Colégio Levindo Borba -

Projeto Reciclagem de Papel – Profª Juliana

